CONTROLE DE PULGÕES

Dentro do moderno conceito de controle integrado de pragas, o inseto ou animal associado à cultura só é considerado praga no momento em que sua população começa a causar danos econômicos. Conforme recomendação da XIII Reunião da Comissão Sul-Brasileira de Pesquisas de Trigo, há necessidade de proceder-se ao controle químico dos pulgões desse grão na fase vegetativa (da emergência ao emborrachamento), quando 10% das plantas estiverem atacadas, com infestação superior a dez pulgões por espiga na fase reprodutiva (do espigamento ao estádio de grão em massa). Quando esses níveis não são alcançados, tais insetos fazem parte do ecossistema, em que as populações são interdependentes. Por exemplo, os parasitas e predadores necessitam de hospedeiros ou presas para se alimentar, proliferar e, em conseqüência, manter as populações de pragas em níveis baixos. Em trabalho sobre o assunto, o Centro Nacional de Pesquisa de Trigo (CNPT), da Embrapa, assinala:

"Vários fatores influenciam o desenvolvimento de populações de insetos, pragas ou inimigos naturais, entre os quais as fases em que se encontram as culturas, condições de temperatura, umidade, chuvas, geadas, ventos, luminosidade, etc. Segundo a intensidade da atuação desses fatores, podem surgir populações elevadas de pragas ou inimigos naturais."

No decorrer de vários anos observou-se que os fatores naturais não foram suficientes para conservar as populações de pulgões abaixo dos níveis críticos. Para mantê-los em níveis de equilíbrio inferiores aos de dano econômico, o CNPT iniciou em 1978 o Programa de Controle Integrado dos Pulgões do Trigo, que está sendo desenvolvido com a colaboração da FAO. Nesse programa introduziram-se vespas parasitas de outros países, em número de dezesseis espécies, que foram cuidadosamente avaliadas, multiplicadas em insetários e distribuídas nas principais regiões produtoras de trigo nos Estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná e Mato Grosso do Sul. Segundo o entomologista do CNPT, engenheiro agrônomo Dirceu Neri Gassen, periodicamente se fazem levantamentos dos níveis populacionais de pulgões e do índice de eficiência dos inimigos naturais. Em 1981 as populações de pulgões não foram expressivas, salvo alguns focos isolados, com excelente atuação dos parasitas introduzidos.

Algumas práticas, como a queima de restos culturais e capoeiras e a utilização inadequada de inseticidas, podem provocar desequilíbrios e facilitar o aumento populacional das pragas. Como acentuou Gassen, as queimadas destroem os inimigos naturais ativos e em dormência, eliminando também muitos hospedeiros intermediários. Trata-se, portanto, de prática que cumpre evitar. De outro lado, inseticidas, principalmente os não-seletivos, provocam a morte de quase toda a fauna de artrópodes existentes na cultura e, assim, facilitam o reaparecimento das populações de pragas, em face da eliminação de seus inimigos naturais, tornando-se necessárias novas aplicações daqueles defensivos. Muitos agricultores que fazem aplicações preventivas são obrigados a realizar mais duas ou três pulverizações. Acontece que, em lavouras vizinhas, quando observadas as fases da cultura e os níveis populacionais críticos, utiliza-se eventualmente uma aplicação de inseticida. Mesmo os produtos seletivos, que matam principalmente a chamada praga-alvo, não devem ser utilizados em doses elevadas, pois os inimigos naturais necessitam de pulgões para se alimentar. Diz Gassen: "Devemos recorrer ao uso de inseticidas somente para auxiliar os inimigos naturais e preservar a cultura de danos econômicos".

VARIEDADE DE CAUPI PARA O AMAZONAS

O feijão caupi (*Vigna unguiculata*) é cultivado em quase todos os municípios do Estado do Amazonas por pequenos agricultores. Dentre as variedades cultivadas mencionam-se a Coquinho, Chico Felipe, Manteiguinha, Feijão Branco, Boca Preta, Felipinho, Fígado de Galinha, Corujinha e Quarenta Dias, notando-se que muitas delas não se mostram adequadas aos locais onde são plantadas. Exibem baixa produtividade e certas características inadequadas, como o ciclo muito longo (oitenta a 85 dias) e suscetibilidade às principais pragas e doenças.

Com a finalidade de encontrar soluções para tais problemas, a Unidade de Execução de Pesquisa de Âmbito Estadual (UEPAE), de Manaus, entre 1975 e 1979, introduziu, em dois ecossistemas (área de várzea e terra firme), numerosos cultivares de caupi procedentes de outras regiões do país e do exterior. Na análise dos resultados dos experimentos realizados, segundo assinalam os pesquisadores Oscar Lameira Nogueira e Carlos da Silveira Martins, daquela UEPAE, o cultivar IPEAN V-69 foi o que revelou melhor comportamento, sendo especialmente indicado para cultivo em áreas de várzea do Estado. Nos testes o rendimento médio foi de 1.500 kg/ha (50% maior do que a produtividade estadual em área de várzea). Seu ciclo é de sessenta dias até a primeira colheita (25% menor do que a de variedades locais) e ostenta moderada resistência às pragas e doenças mais comuns. Em área de terra firme o rendimento de 1.300 kg/ha do IPEAN V-69, obtido com o emprego de insumos modernos, faz com que o caupi seja encarado como boa opção para a utilização de tais terrenos, em especial na intercalação com culturas perenes.

Estas são as principais características botânicas e agronômicas da variedade: hábito de crescimento indeterminado; porte semi-ereto; folíolo globoso, médio; florescimento quarenta dias após a semeadura; flor roxa; primeira colheita sessenta dias após a semeadura; vagem amarelo-palha, comprimento de 16,5 cm; treze sementes por vagem; semente marrom (mulatinho), com peso de 12,5 g; e índice de colheita de 75%.